

A PEQUENA NAÇÃO SIMBOLISTA

Miguel Sanches Neto

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: O conceito de “literaturas menores”, proposto por Franz Kafka, serve para pensar o surgimento do simbolismo paranaense e da principal obra (*Ilusão*) de seu poeta mais importante, Emiliano Pernet. O culto da torre de marfim e o misticismo criam uma identidade local que busca o distanciamento da cidade dos homens para propor o mito da urbe helênica, réplica da cidade da Justiça, primeira representação de Curitiba na literatura brasileira.

Palavras-chave: Isolamento; Simbolismo paranaense; Evasão; Emiliano Pernet.

Abstract: The concept “minor literatures” proposed by Franz Kafka serves to think about the emergence of paranaense symbolism and about the main work (*Ilusão*) of its most important poet, Emiliano Pernet. The cult of the ivory tower and the mysticism create a local identity which seeks to distance itself from the city of men in order to propose the myth of the Hellenic city, a replica of the city of Justice, the first representation of the city of Curitiba in the Brazilian literature.

Keywords: Isolation; Paranaense symbolism; Evasion; Emiliano Pernet.

1 Um andar de albatroz

Em seu poema “O albatroz”, Charles Baudelaire faz um retrato metafórico do poeta como animal admirável quando em voo e comicamente canhestro quando tenta se adaptar ao plano terrestre. Apanhado por marinheiros, o albatroz se torna motivo de chacotas: “Hoje é cômico e feio, ontem tanto agradava! / Um a seu bico leva o irritante cachimbo, / outro imita a coxear o enfermo que voava”. Esta inadequação ao mundo terreno caracteriza o poeta como ser decaído, que está fora de seu ambiente, o plano

elevado da arte, obrigando-se a suportar os sofrimentos impostos pelas pessoas com quem convive. A última estrofe do poema explicita a comparação (Baudelaire: 90):

O poeta é semelhante ao príncipe do céu
Que do arqueiro se ri e da tormenta no ar;
Exilado na terra e em meio ao escarcéu,
As asas de gigante impedem-no de andar.

O que torna o poeta grande, o seu poder de elevar-se acima de todos, é o que o atrapalha na vida cotidiana. Nesta defesa do mundo das ideias e do sonho, Baudelaire dá uma definição do artista enquanto alguém que se move com dificuldade, a coxear, tornando-se um outro. Esta condição estrangeira será a marca dos poetas simbolistas, que frisam a própria natureza destoante, seja pelos credos satanistas, seja pela criação de mundos imaginários, pela exacerbação sensitiva, pelo erotismo ou pelas neuroses que conduziam a comportamentos esdrúxulos. Estava fundada uma escola de inadaptados ao meio, marcada por uma condição periférica em relação ao campo do poder literário. O simbolismo funciona como a força da desistência, de recusa ao imediato e ao burguês: escola dos vencidos e não dos vencedores, portanto.

Periferia em relação ao centro político e artístico, o Paraná surge, na cena nacional, como um núcleo simbolista, cultuando um afastamento a que estava condenado como um sinal nobiliárquico de independência literária. Em inquérito de 1908, João do Rio pergunta sobre a literatura dos estados a João Luso e este responde: “A meu ver só Curitiba deu-se ares até agora de centro literário independente e forte. Mas estes brilhantes rapazes fizeram-se isoteristas, simbolistas, cabalistas, impossibilitistas” (Rio: 145). Um século depois, percebemos que a geração que colocou o Paraná no mapa da literatura brasileira não conseguiu um lugar no cânone nacional. Se foi responsável pelo maior número de revistas do movimento e se contou com adeptos que cruzaram o período histórico do simbolismo, deixou apenas um poeta com alguma dimensão nacional, o terceiro em ordem de importância neste credo, depois de Cruz e Sousa e Alphonsus Guimaraens. O primeiro oriundo de Santa Catarina, assinalado pela condição negra que gerou, no meio literário e social, uma negação à sua genialidade; o segundo, enfurnado em Minas Gerais, na católica Mariana, vivendo à sombra de um misticismo medievalista, o que o afastou de seus contemporâneos; o outro componente desta tríade, hoje pouco lembrado fora do

Paraná, é Emiliano Perneta, que funda uma Curitiba de exceção, distante da natureza tropical do Brasil. É nesta geração que se inicia o mito de uma identidade europeia para a capital paranaense, quando ainda estava em curso a vinda dos imigrantes que reafirmariam tal pleito.

O deslocamento de um centro simbolista para o Paraná (e, menos organizadamente, para outras províncias) atende ao ideário do movimento, em que as cidades são habitadas antes no plano da arte, dos sonhos e do misticismo. A trajetória de Emiliano, portanto, guarda uma vinculação estreita com o grupo do qual fez parte, tanto pela leitura dos grandes nomes do movimento quanto pela convivência com seus pares. A partir dele, é possível compreender o que ocorreu com o Paraná no final do século XIX e início do XX, quando há uma paralisação artística, com o que era novidade se cristalizando em passadismo.

Emiliano é um poeta assinalado desde o seu nome. Massaud Moisés relata a origem dele. Seu pai, o português e cristão-novo Francisco David Antunes, adotara como sobrenome o apelido que “lhe inculcaram em razão de seu modo de andar: pernetá” (Moisés: 75). Tinha “o andar ligeiramente dançado”, como é descrito por Andrade Muricy em seu livro de memórias (Muricy, 1976: 237). Emiliano carrega o sobrenome do pai, um comerciante de condição mediana, ao herdar dele, entre outras coisas, o jeito torto de andar, o que produz uma estranheza cômica notada por Olavo Bilac (Muricy, 1952: 215). Assim, está representada em seu batismo a condição de albatroz conceituada por Baudelaire, em cuja poesia, nos anos de formação, o paranaense vai encontrar a tradução de seus dramas interiores. É de se imaginar o impacto da leitura deste poema de *As flores do mal*, em que Emiliano deve ter se visto fisicamente, como o desajeitado, tal como sempre o enxergaram.

Julio Ribeiro, citado por Erasmo Pilotto, apresenta-o assim: “esse homem alto, feio, de nariz adunco” (Pilotto: 90). O conflito com o meio vinha em grande medida de sua figura destoante de um ideal brasileiro de limpeza racial. Neste mesmo livro de apologia ao poeta, Erasmo destaca, em uma comparação esquemática, a suposta herança étnica de Emiliano: “sangue judeu, ou sangue da inteligência, sangue português, ou sangue da delicadeza, sangue negro, ou sangue do ardor, do alarde” (idem: 38). Desta última herança, valorizada pelo biógrafo e crítico, nasceria o talento verbal do poeta, o que o aproximaria da tradição nortista da literatura brasileira. O

vínculo com a África viria da mãe, sobre a qual não há maiores registros. Apesar de ser uma tentativa de valorizar as qualidades do poeta, tal tipificação revela preconceitos que deveriam ter sido muito mais fortes durante a vida de um escritor que não correspondia aos padrões estéticos do período. A esta rejeição se somará outra, a fragilidade física, pois logo na juventude o poeta adoece, o que o empurrará de volta a Curitiba.

2 O filho pródigo

O nascimento de Pernetta (1866) ocorre pouco depois da emancipação política do Paraná (1853). A nova província vive um momento de entusiasmo e alguns anos depois vai receber a visita do Imperador (1880), em reconhecimento à sua importância. Este Paraná que surgia incomum ainda guardava um vínculo muito forte com São Paulo, de onde havia se desmembrado. Originário de um sítio em Pinhais, nas imediações de onde se encontra hoje o Aeroporto Afonso Pena, Emiliano fez seus estudos iniciais em Curitiba, destacando-se pela dedicação e pela inquietação que o levaram a colaborar em periódicos estudantis. Para o curso superior, teve que se ausentar da terra natal. O movimento empreendido é rumo à antiga sede, para frequentar a Faculdade de Direito de São Paulo, ambiente de formação literária e de atividades de boemia. Esta mudança vai fortalecer a veia literária de Emiliano, colocando-o em contato com a obra de Baudelaire, e também a sua atuação política, tornando-o um fervoroso abolicionista, a ponto de buscar em Curitiba escravos para libertá-los em Cubatão. As aventuras políticas acontecem junto às aventuras eróticas nestes anos de formação e de afastamento de sua terra. No curso de Direito, ele fortalece os laços literários com muitos intelectuais, entre eles Raul Pompeia e Paulo Prado. Em paralelo à faculdade, experimentou-se também em ambientes profanos, como na taberna Corvo, frequentada poucos anos antes por Álvares de Azevedo e Castro Alves e imortalizada no livro *Noite na taverna*. A faculdade de Direito e a boemia moldaram a sua sensibilidade, dotando-o de uma tendência neorromântica que marcará seu primeiro livro.

É em São Paulo que ele se faz escritor, lançando *Músicas* (1888). Obra ainda imatura, entre o romantismo temático e a aridez parnasiana, o conjunto de poemas

revela antes seus dramas juvenis, como o impulso sexual, o amor não realizado, a solidão, o medo da morte e a perda da infância. O poeta simbolista é apenas uma promessa – pelas sinestesias, por uma tendência à decepção que ainda é precoce e por certa musicalidade – tímida, mais temática do que rítmica. O poeta está se formando.

Terminado o curso, não lhe interessa fixar-se em Curitiba, onde fica por curto período de tempo, em férias. A sua diáspora artística se inicia. Ele agora quer se afastar das províncias (Paraná e São Paulo), em busca do mundo glamouroso da arte, do convívio com os grandes de sua época. O destino final seria Paris. Respeitado pelos colegas paulistanos, o jovem está povoado de grandes sonhos de realização artística e amorosa. Em 1890, encontra-se no Rio de Janeiro como secretário da *Folha Popular* e colaborador de outros periódicos. Logo vê formar-se um grupo ao seu redor, com destaque para Cruz e Sousa, José do Patrocínio, Oscar Rosa, Bernardino Lopes, Virgílio Várzea e Gonzaga Duque. Foi a figura socialmente forte entre os que comporiam o grupo dos Novos. Fortalece nele nesta quadra a ideia de uma confraria poética, para um convívio artístico intenso, e Emiliano se move entre seus amigos enquanto atua em jornais. Em carta de 26 de novembro de 1890, Virgílio Várzea escreve a Cruz e Sousa sobre oportunidades de trabalho no Rio, citando o poeta curitibano como uma espécie de líder: “O Perneta, enquanto seja de uma generosidade incomparável, de uma alma única, nada pode fazer, porque ele mesmo, apesar de seu grande talento e de sua formatura, há-de falhar à vida”. E continua: “O Perneta não tem eira nem beira, como diz a velha chapa, poucos gostam dele, por ele ser digno, e raros lhe dão atenção” (Pilotto: 196). Este vaticínio vai se confirmar com uma precisão assustadora. Os anos no Rio, em que se dedicou a trabalhos jornalísticos, a leituras e debates, não resultaram na integração do autor à inteligência nacional, produzindo nele um sentimento de exclusão que o leva a fortalecer ainda mais o vínculo com o grupo de poetas novos, em oposição ao círculo hegemônico.

Depois de três anos na capital da jovem República, desfeitos os sonhos de realização social pela arte, Perneta segue o caminho de Alphonsus Guimaraens. Parte para Minas para exercer a promotoria em Caldas e o juizado em Santo Antônio do Machado. Neste período, o poeta é tragado pela rotina de suas novas funções em uma latitude roceira. Interrompe o convívio com os irmãos das letras, em uma aceitação da solidão que não lhe será propícia para a produção literária. No confronto com a vida,

na rejeição sofrida no Rio, na solidão de intelectual progressista em ambiente tacanho, ele vai acumulando uma experiência de dor que o silencia.

Com o agravamento de seus problemas de saúde e com uma polêmica por conta de um discurso político ousado, ele não pode mais permanecer naquelas terras que lhe eram estranhas. E todo o seu desejo de viver em Paris, capital do mundo no final do século XIX, se torna impossível. O poeta é resgatado por seu irmão Julio Perneta, que o devolve a Curitiba, aonde chega em 30 de agosto de 1896. A sua viagem não foi em linha reta até o centro da civilização, mas em círculo, conduzindo-o de volta ao ponto de partida. Logo depois, no final deste ano, começam as reuniões preparatórias dos escritores do Rio para a criação da Academia Brasileira de Letras, o que ocorre em 20 de julho de 1897. Não se ver convidado para o seleto grupo de confrades será mais uma frustração para quem tinha grandes expectativas de convívio artístico e se comportava com uma nobreza de caráter que não era reconhecida. Isso será, segundo Erasmo Pilotto, determinante para o seu exílio definitivo em Curitiba: “Dos motivos porque nunca mais voltou a residir no Rio estava esta sua queixa de que, quando se organizou a Academia Brasileira de Letras, ele fora esquecido” (Pilotto: 165). O prognóstico de Virgílio Várzea se manifesta rapidamente. E o poeta acumula uma decepção depois da outra. Passa a residir em Curitiba não mais como o berço de uma infância revivida pela memória. Ela o aprisiona e o força a formas imaginárias de evasão.

3 A cidade simbolista

A Curitiba para onde o poeta volta, a contragosto, interceptado em sua conquista do Rio e de Paris, é um centro simbolista, com uma classe intelectual organizada em torno de um ideário. Sobre o poeta agem duas forças, uma preparatória e outra instauradora.

A sua formação universitária o vinculou diretamente a um espaço e às mitologias do derradeiro romantismo. Foi no Largo de São Francisco que se ligou aos cultores dos exageros da carne e da alma, internalizando a cultura estética e política que se fez tradição naquela escola, por onde passaram, entre outros, Álvares de Azevedo e Castro Alves, representantes destas duas posturas. Um ramo curitibano tem seus

representantes na mesma faculdade; de lá sai um dos intelectuais paranaenses mais importantes no período, o filósofo platônico Euzébio Silveira da Mota, que retornará a Curitiba para exercer um guriato arredo. Euzébio era primo de Álvares de Azevedo, que ele conhecera no leito de morte. A conexão do ultrarromantismo com o Paraná não é apenas por esta linha genealógica. Ao estudar em São Paulo, Emiliano refaz os passos de seus antecessores, revivendo como leitura e como experiência os dramas pós-adolescentes daqueles autores mortos prematuramente. Assim, é romântica, de um romantismo de culto à música e à morte, a primeira experiência de Pernetá, o que o preparará para encontros determinantes no Rio de Janeiro, com a descoberta do fenômeno Cruz e Souza. Podemos dizer que, nestes anos iniciais, ele é um poeta indeciso entre o romantismo, o parnasianismo e alguma coisa nova que sente, mas da qual ainda não tem consciência.

A terra natal não é mais a que ele deixara. Tem um grupo muito atuante na cultura, influenciado também por Emiliano, que encontrará nela estímulos para exercer sua vocação simbolista. Ele volta ao Paraná depois do retorno de João Itiberê da Cunha, outro nome forte do período, que estudara muito tempo na Bélgica, escrevia em francês, tinha contato com os grandes poetas simbolistas e que transfere este verbo mítico para a província, propondo-o como um produto dinamizador da cultura local. Ao seu redor vai surgir mais do que um grupo, pois João Itiberê funda um credo, o simbolismo de extração paranaense, fortemente influenciado pelo misticismo, pelo pensamento Rosa-Cruz e pelo cristianismo. É neste ambiente que Emiliano fortalece seu pendor para o símbolo. Ironicamente, a Europa desejada estava em sua cidade, que emula um clima intelectual europeu, em oposição ao meio literário do Rio, em que prevalecem os grupos naturalista e parnasiano. A criação da revista *Cenáculo*, a mais importante do simbolismo nacional, congregando poetas brasileiros e europeus, ocorrera em 1895, um ano antes do retorno de Emiliano. Renegado no Rio, exilado no interior de Minas, esquecido na hora da criação da ABL e ansiando por uma vida requintada, Emiliano encarna os desejos de uma geração e passa a viver como parisiense (nos hábitos e nas manifestações literárias) em uma Curitiba que não se queria mais como aldeia.

É neste período de retorno que produzirá os poemas de *Ilusão*, em uma postura dispersiva própria do simbolismo, de menosprezo das obras enquanto realizações no

plano material. Não escreve livros, escreve poemas como quem distribui senhas, publicando-os nas muitas revistas do movimento, para só bem depois reuni-los no mais famoso volume de sua bibliografia um tanto accidental. Até nesta postura fica patente a marca simbolista de uma recusa de construir uma carreira literária. O descaso editorial traduz a inadequação aos valores burgueses, que será responsável pela publicação tardia do livro, quando o simbolismo já estava saindo definitivamente de cena. Curitiba permanecerá como um epicentro literário retardatário, construído graças à força centrípeta da província, com o retorno de intelectuais que haviam sido forçados em outros meios, propensos a um sentimento contraditório de continuidade espiritual com espaços centrais e de solidão aldeã.

João Itiberê e Perneta serão os motores deste movimento que conectou a cidade, respectivamente, à Bélgica simbolista e à tradição romântica da Faculdade de Direito de São Paulo – ampliada pelo encontro no Rio com os poetas novos. Esta corrente teve como principal endereço o Paraná, ponto de confluência de autores sem espaço na vida literária da capital da República, que adotaram a cidade como refúgio. Mais do que escrever livros de poemas, os autores paranaenses tentaram criar uma réplica da cidade ideal, frequentada apenas pelos confrades do credo novo. A filosofia absenteísta era o elo destes escritores que, nascidos no Paraná, viviam como desterrados, sonhando-se em outra urbe. Isso pode ser visto pelo número de revistas que circulou no período e pelas relações criadas, por meio delas, com poetas de outras localidades, nacionais e internacionais. Curitiba se fecha neste grupo de eleitos e se alarga para além de suas fronteiras.

O movimento do simbolismo paranaense é uma resposta à Academia Brasileira de Letras, propondo-se como uma agremiação em que os desvalorizados na cultura nacional encontravam espaço de convívio e de edição. Este comportamento de compensação levará à criação, em 1912, do Centro de Letras do Paraná, do qual Emiliano será o segundo presidente (1913-1918). A rejeição sofrida pelo poeta se transforma em projeto de uma literatura própria, sediada agora em uma porção metonímica do país, e um outro Brasil se ergue dentro do Brasil.

4 Literaturas menores

Em seus diários, Franz Kafka tipifica as literaturas menores para pensar a produção checa ou a de Varsóvia a partir do elemento do idioma ídiche. Esta definição serve para entender o simbolismo do Paraná enquanto deslocamento da força criadora para o periférico. Kafka lista os comportamentos neste ambiente que, ao ser redutor, força uma identidade.

... a movimentação dos intelectos; a coesão homogênea da consciência nacional, tantas vezes inativa na vida pública e sempre a se estilhaçar; o orgulho e amparo que, mediante a literatura, a nação adquire tanto para si frente ao mundo hostil ao seu redor; esse diário que uma nação mantém e é muito diferente da historiografia, razão pela qual possui um desenvolvimento mais rápido, mas sempre e amplamente posto à prova, a minuciosa intelectualização de toda a amplitude da vida pública; a vinculação dos insatisfeitos que, neste terreno, onde apenas a indolência pode provocar dano, são de pronta utilidade; a articulação do povo, sempre dependente do todo, que vai se construindo mediante o burburinho das revistas; a canalização da atenção da nação para o interior de seu próprio círculo e a acolhida do que é estrangeiro apenas como reflexo; o surgimento do respeito pelos que fazem literatura; o despertar passageiro, mas que segue surtindo efeito, de uma ambição maior entre os jovens; a acolhida dos acontecimentos literários nas preocupações políticas; [...] o surgimento de um comércio livreiro movimentado e, por isso mesmo, ativo, bem como da avidez por livros. (Kafka: 171)

Por estes traços, é possível entender o simbolismo paranaense como a construção de uma nação literária à parte, que arregimenta intelectuais, principalmente entre os mais jovens, fomentando uma cultura que se conecta com a vida pública, a onda de movimentos editoriais e a construção de um orgulho identitário fundamental para este processo de fortalecimento dos laços entre insatisfeitos – no caso do Paraná, havia a emancipação recente, o vínculo direto com a Europa e o desejo de criar uma sociedade diferente. Kafka lembra, em seguida, que o movimento das literaturas menores produz um efeito de qualidade que é passageiro, enquanto age sobre as pessoas, revelando-se como “uma literatura ruim em suas individualidades” quando os autores passam para a historiografia literária (idem: 172). Assim, a transformação de Curitiba em um centro literário integrou a intelectualidade local a um projeto que se fortaleceu nas movimentações sociais e políticas, confundidas na própria produção literária, responsável por delimitar uma nova área cultural dentro (e fora) do país. A oposição que se cria, nitidamente, é contra a cultura hegemônica do Rio em favor do surgimento de uma literatura “internacional” na província, ou que passa pela província. Resumindo suas teses, Kafka mostra os efeitos destas literaturas no plano individual: “Vivacidade (controvérsia, escola, revistas), 2. Desoneração (ausência de princípios, temas menores, fácil construção de símbolos, desaparecimento dos incapazes). 3. Popularidade (vínculo com a política, história da

literatura, fé na literatura)” (idem, p.179). A vivacidade da literatura no Paraná, neste período, é muito grande. Cria-se uma relação de produção e consumo literários, principalmente por meio das revistas, forjando uma autonomia identitária. Os seus temas, em relação à produção hegemônica, serão menores e buscarão ressignificar tanto estética quanto tematicamente a literatura brasileira, em uma perspectiva estrangeira, de não-pertencimento ao aqui e ao agora ou de transmutação clássica dos elementos locais. E estes escritores simbolistas, confrades movidos por uma fé, terão uma vida política em paralelo às atividades literárias.

Assim, o simbolismo que viceja no Paraná traz as marcas de uma literatura menor dentro da própria nação, como uma forma de negação do verbo parnasiano e naturalista, identificados como sinônimo da cultura nacional. Rapidamente, surge uma ilha literária, que encontra em Emiliano Perneta o seu autor-chave. É uma literatura que dinamiza socialmente Curitiba e a coloca em uma situação de relevância, pelo menos no âmbito interno, erguendo nomes que se tornarão referenciais no Estado. Sobreviveu pouco como produto nacional, entrando para a historiografia como um movimento de autores menores. Em comparação a eles, ao vasto número de escritores ruins que encorparam o meio literário, Emiliano ganha dimensão de mestre, por ter cifrado o drama do período. O seu retorno a Curitiba terá um sinal duplo, de valorização desta pequena nação e de aprisionamento a ela.

5 Aqui não é Paris

O simbolismo do Paraná é um projeto de civilizar as várzeas curitibanas. Sobre a cidade rural e pantanosa os escritores tentaram edificar uma urbe universal, com fachadas que os fizessem esquecer da triste latitude em que se encontravam. Se não se pode viver em Paris, façamos de Curitiba a nossa Paris. Esta habitação pela cultura de uma outra localidade não é apenas reflexo do estrangeirismo esnobe tão comum na literatura do século XIX, retratada ironicamente por Eça de Queirós em seu personagem Fradique Mendes. Vai além da cópia dos modismos parisienses para transplantar na jovem cidade o que Erasmo Pilotto chama de “ideário de Paris” (Pilotto: 51). Uma busca de universalidade pela escrita que trate de temas eternos, desviando-se da submissão ao elemento nacional consagrado na produção brasileira. O

retorno de Emiliano não o integra ao seu chão; transforma-o em um exilado, em alguém que pertence a Paris e tem que buscá-la onde ela não está, o que o obriga a construí-la idealmente nos hábitos e nos poemas, que são as credenciais desta outra nacionalidade. A Paris edificada pelo poeta é a das irmandades estéticas. A cidadania ocorria pela arte, que unificava espíritos voltados aos mesmos valores. Esta Paris transportada para Curitiba poderia ter vestígios arquitetônicos, como nos portões do Passeio Público¹, mas ela se localizava principalmente na constituição de um cenáculo, para usar o nome da revista, em que os apóstolos se reuniam. Frequentar pela arte esta outra cidade era a forma de encontrar-se nela, mesmo na mais distante periferia.

No poema de *Ilusão* dedicado a João Itiberê, o mestre formado na língua francesa, e cujo título é uma profissão-de-fé (“Orgulho”, 1902), Emiliano declara o sentido de sua vida: “Nasci para viver no meio do que é belo” (Perneta: 12). Esta beleza ele a encontra nos grandes autores do movimento simbolista e no convívio com seus confrades. O equivalente de uma nação (Paraná) dentro da nação brasileira é o de uma outra cidade (Paris) dentro de Curitiba, em um processo de recusa da população em geral e de convívio com um grupo de eleitos. Ele busca nesta aristocracia “um sentido estético da vida” (Pilotto: 53), fazendo da arte nova o traço de união entre os moradores desta Curitiba (que está perto e distante) vivida enquanto Paris. Não lhe interessam os demais habitantes, apenas aqueles que comungam este culto à beleza.

É, portanto, como distanciamento do nacional que nasce a identidade da Curitiba simbolista, que criará ao longo dos anos inúmeros espaços de convívio e erguerá prédios que se queriam europeus. O simbolismo permitiu que a até então aldeia ganhasse requintes civilizatórios. O tema da torre de marfim criava um modelo reduzido de civilização pela constituição de um grupo.

O volume *Ilusão* traz uma dedicatória ambígua: “Aos meus irmãos”. Ela se refere aos irmãos de sangue, entre eles o poeta Júlio Perneta (1869-1921) e o engenheiro João David Perneta (1873-1933), mas também à irmandade intelectual, que era imensa e ia além da literatura. Este grupo é reunido na coletânea pelas

¹ Construído pelo Visconde de Taunay (Alfredo Maria Adriano d'Escagnolle Taunay) em 1886, quando presidente da Província do Paraná, a obra do Passeio Público saneou a área alagadiça em torno do Rio Belém para formar um lago onde ficavam disponíveis canoas para passeios. Na década de 1910, foram levantados portões que copiavam os traços do portão do *Cemitério dos Cães de Asnières*, em Paris, à margem esquerda do Sena, em um nítido desejo de propor Curitiba como réplica parisiense.

dedicatórias, que cumprem assim uma função de ata do encontro de trajetórias. O poeta dedica poemas a: Claudino dos Santos, João Itiberê, Clovis Bevilacqua, Adolpho Werneck, Mario de Barros, Ermelino de Leão, Romário Martins, Joaquim de Castro, Joaquim Ignácio, Georgina Mongruel, Azevedo Macedo, Albino da Silva, J. H. de Santa Rita, Generoso Borges, Serafim França, Clemente Ritz, Gilberto Beltrão, Baronesa do Serro Azul, Ismael Martins, Domingos Nascimento, Santa Rita Junior, Celestino Junior, José Gelbecke, Pamphilo de Assumpção, Nestor Vítor, Miranda Rosa Junior, Rodrigo Junior, Euclides Bandeira, Silveira Neto, Pereira da Silva, Virgílio Várzea, Figueiredo Pimentel, Gonzaga Duque, Augusto Rocha, Júlio Prestes, Ildefonso Pereira Correia (I. Serro Azul), Leite Junior, Emílio de Meneses, Leôncio Correia, Alves de Farias, Rocha Pombo, Américo Facó, Aluízio França, Reinaldo Machado e Dario Vellozo. Estes irmãos não são apenas do Paraná ou da literatura simbolista, mas constituem a cidade das letras que se opõe à cidade dos homens, atuando no corpo do livro como árvore genealógica.

A Curitiba que nasce com o simbolismo é esta cidade à parte, dos cultores da civilização, que nega a pequena aldeia e o Brasil como um todo, espaço em que Emiliano se sente, tal como define em “Versos de outrora”, “num País de Bárbaros”. Contra a barbárie, a cultura, a poesia e a convivência dos pares. A Curitiba transposta para o plano da vida literária é uma resposta à decepção de não ter sido chamado para a Academia Brasileira de Letras, como se o poeta transferisse para estes homenageados nos poemas a condição de confrades.

Assim, o título do livro, *Ilusão*, no singular, traz um sentido ambivalente; negativo em um primeiro momento e positivo como um todo. A beleza, a glória, a riqueza, o amor, tudo é uma ilusão, com minúscula, que pode ser dulcíssima, mas passageira. Há, no entanto, a grande Ilusão, com maiúscula, que permite que se experimente uma outra existência, acima das misérias do imediato. Esta outra Vida, também em maiúscula, demarca a transcendência representada em “Metamorfoses” (Perneta, p. 29):

Que a Vida, como o sol, um alquimista louro
Tem o dom de poder mudar a lama em ouro,
E em límpidos cristais estes rochedos nus!

Aí a Ilusão se reveste de um ideal, de busca do plano místico e estético. Em “Ermitágio”, o eu poético deixa claro que “o meu lugar não é no meio de vocês” (idem: 206). Esta última palavra (*vocês*) cresce carregada de desprezo pelo comum dos homens. Pois só interessam ao artista os torreões em ruínas (símbolo da falência terrena), onde se isola – “insulado, aqui, no cimo, bem o sei!”, ele diz logo à frente. No verso, o isolamento é materialmente representando pelas vírgulas que separam a palavra “aqui” e a expressão “no cimo”. Só têm acesso a esta torre, erguida para criar uma distância com a lama existencial, os confrades, destinatários seletos de seus poemas. É nesta busca de um isolamento na arte que se dá a conquista da Ilusão.

Dessa forma, ele tenta se afastar de tudo que esteja no plano da carne, embora se sinta atraído por ela. Os poemas eróticos ocorrem com abundância no livro, com um vetor carnal manifesto (permanece solteiro até o final da vida, livre para as aventuras), mas o poeta não deixa de perceber que isso não passa de pobreza de alma, pois aqui tudo “é um prostíbulo”, primeira frase de “Heliogábalo” (idem: 59). Contra esta cidade de charcos, reais e simbólicos, contra a força da carne (“O corpo é um muito mau pardieiro”, em “Amor cinzento”, idem), Emiliano cria o seu exílio na cultura, cultiva seu ideário parisiense, vivendo exilado da matriz de sua Ilusão e do mundo ao seu redor.

Resta-lhe o projeto de fugir para a distância. Talvez o poema mais emblemático do livro seja “Versos para embarcar”, expressão de um plano de fuga da cidade e de si mesmo, dos desejos baixos que marcam sua vida de solteirão soturno. Esta ânsia de viajar já não pertence à sua biografia terrena, de mudança da província, a província que o sufocará aos poucos. Ele quer partir rumo a um outro plano. Assim, o máximo de insulamento, na sua pequena roda artística, cria nele um impulso de evasão (idem: 90).

Eu não sei, eu não sei para onde fugiria,
Eu não sei, eu não sei o que ia ser de mim,
Quem me dera, porém, que logo fosse o dia
De poder embarcar e de fugir daqui!

Mas este dia não chega. Emiliano continua nesta cidade que o cultua como “príncipe dos poetas” (uma equivalência da definição do albatroz baudelairiano como “príncipe dos céus”), em uma imagística da elevação estética que sempre o distinguiu.

Tudo que consegue é representar em festividades à maneira grega (Festas da Primavera) o sonho de viver no mundo da arte, enquanto se movia pelas ruas lamacentas da cidade, os olhos postos num horizonte invisível.

Com a publicação de *Ilusão*, ele elevava a jovem literatura do Paraná a um nível nunca antes alcançado, tornando-se o maior escritor paranaense do período. A cidade, envergonhada de sua origem rural e desejosa de grandezas clássicas, o homenageia em uma solenidade pública que copia o cenário grego cultuado por toda esta geração. No Passeio Público, área moderna da cidade, se prepara a coroação do poeta que recém lançara seu principal livro. No projeto inicial, ele chegaria de barco pelo Rio Belém e seria recebido em uma ilha artificial por jovens vestidas como musas. O poeta, no entanto, recusou esta cena triunfal, que seria exageradamente caricaturesca. E alcançou a ilha por uma ponte, para receber as homenagens: um exemplar de *Ilusão* em uma caixa de madeiras paranaenses e uma coroa de louros naturais. Não estava mais em Curitiba. Estava na Grécia dos poetas e dos filósofos. A habitação momentânea da ilha demarcava a entrada em outro universo, em que a pobreza estética da província ainda selvagem não o frustrava. Este ritual apresentava um conceito de arte e urbe como arquipélago de pequenas ilhas cercadas pelas matas que remetiam ao mundo selvagem da América que deveria ser transfigurado ou encoberto. Era preciso dar outro sentido a esta realidade.

Durante a cerimônia, uma união de espaços e de signos demarcava o simbolismo paranaense. Por um lado, havia o deslocamento geográfico da cidade periférica, com seus rios mínimos, sua população rude, seu presente agrícola, suas madeiras valiosas (foram um dos elementos de riqueza do estado) e seu insulamento doentio. Por outro lado, assomava todo um desejo de viver na Grécia eterna, o culto a uma ideia de civilização que se afasta da barbárie. Para esta geração, a sobrevivência em Curitiba, lar e cárcere, só era possível por conta do desejo de pertencer a uma latitude nobre. Raramente se conformaram com as belezas rudes da província (como no poema “Iguaçu”, de Emiliano), distanciando-se delas em uma arte que se fez evasão. Por isso, “Versos para embarcar” guarda um sentido forte na literatura brasileira, condensando um desejo de fuga pela arte que produz um apagamento do imediato. Emiliano, enquanto poeta, é um produto da negação da realidade biográfica (à qual se sente vinculado emocionalmente) e de construção de uma ideia de cultura que se torna a

pátria espiritual de uma geração. Este efeito de evasão de sua poesia poderia ficar restrito aos textos, mas a identidade intelectual continua na identidade de homens públicos, com projetos que querem transpor estas crenças para o plano social. Em paralelo à produção literária surge a fundação de instituições que pudessem criar uma réplica da urbe helênica que tanto os fascinava. Era o mais distante que poderiam chegar da experiência histórica a que foram aprisionados, afastamento que ocorre agora não mais apenas pelo sonho, mas também pela criação de espaços de culto à cultura em meio à paisagem rural. As matas locais se tornam bosques helênicos e tudo sofre um novo batismo, como se estivessem dentro de uma peça grega, tal como na obra teatral de Emiliano (*Pena de Talião*, 1914), repleta de mobiliário grego. Esta outra Curitiba, uma Grécia de fachada, era um antídoto para o exílio na então Sapolândia, apelido dado à cidade por seus vastos e indomáveis charcos.

6 Frateria espiritual

Em suas anotações sobre as literaturas menores, Kafka destaca que estas movimentações literárias se confundem com as movimentações políticas e acabam por promover uma ampliação da vida pública. A distinção entre arte e política não é nítida, pois ambas andam juntas, muitas vezes de forma indissociável. A literatura interfere diretamente na constituição da nação. E a vida pública fortalece a identidade literária. A Curitiba que nasce com a geração simbolista é uma cidade orgulhosa destas influências estrangeiras, que se quer reflexo de um grande mundo cultural. A fundação da réplica da Academia Brasileira de Letras, o Centro de Letras do Paraná, terá alguns equivalentes com finalidades mais específicas, robustecendo o meio intelectual curitibano.

É preciso destacar aqui aquela que ficou mais presa ao ideário espiritualista e que foi criada e presidida por Dario Veloso. O Instituto Neopitagórico – INP, uma agremiação que reafirma o mundo grego a partir do esoterismo, ao atualizar na cidade a figura de Pitágoras de Samos (570- 595 a.C.), não como matemático, mas como místico. Assim como a literatura evocava estes cenários gregos, a cidade também se revestia com prédios e instituições que remetiam a esta Europa primeira, distante no tempo e no espaço. O Instituto foi fundado em 1909, sem sede própria, tendo

ocorrido a primeira reunião na casa de Dario Veloso. As aulas e as reuniões continuaram no Ginásio Paranaense (onde Dario e Emiliano lecionavam), no município de Rio Negro, no interior do Paraná, e depois na periferia de Curitiba (no bairro Portão). Somente em 1918, às vésperas do modernismo, seria inaugurada a sede própria, o Templo das Musas, com uma biblioteca, um horto e uma editora. Esta construção estava edificada numa chácara (Retiro Saudoso), que foi rebatizada de Horto de Lísis, seguindo a tradição de os membros do instituto usarem nomes gregos. Neste templo se vivia como se dentro de uma peça, cada um encenando um papel. O templo homenageia as musas, “inspiradoras das ideias, dos pensamentos elevados, da graça artística, das obras do espírito humano, dos pensamentos supernos, do altruísmo”². Nesta referência já se declara o sentido de isolamento desta confraria, que se transporta a um mundo de ficção, em que só são aceitos os convertidos à filosofia esotérica. Com encontros dominicais, as reuniões variavam de finalidade, podendo ser meramente administrativas, de elogio a temas culturais ou de caráter iniciático, sempre para fortalecer a doutrinação. O misticismo era a marca destes cultos em que havia se transformado parte da ação do simbolismo, e cruzaria as décadas seguintes como uma força conservadora, avessa à modernidade.

Nascido como reação ao materialismo e ao cientificismo, o neopitagorismo se tornou uma religião educacional em Curitiba. Dario Vellozo propagaria a ideia pitagórica da cidade da Justiça, comandada pelos princípios do estudo, em uma defesa da arte enquanto mistério. Estes espaços de exceção, as ilhotas simbolistas, versão horizontal das torres de marfim, propõem uma refundação de Curitiba, que se espelha em idades extintas e em civilizações desaparecidas. As teses professadas no Templo das Musas se caracterizam por um ecletismo místico, que vai da Grécia antiga ao cristianismo, derivando para uma crítica à sociedade burguesa e aos seus valores materialistas.

Nesta chácara, Curitiba se fez uma ideia extemporânea de pátria, com o simbolismo paranaense derivando para uma fraternidade espiritual extremamente excludente, que dominará a cena local até a Segunda Guerra Mundial. Esta paralisia de um ideário foi responsável por um atraso na modernização das artes, dando sobrevida a uma corrente historicamente superada e acionando uma reação ao modernismo

² Cassiana Lísia Lacerda, in *Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná*, p. 510.

brasileiro por meio da influência, nas décadas de 1920 e 1930, sobre o grupo católico instalado no Rio de Janeiro em torno da revista *Festa*.

Concomitantemente ao estabelecimento do Instituto Neopitagórico, do qual Emiliano não fez parte, mas que surge da sementeira simbolista que ele ajudou a criar em Curitiba, aconteceu outro desdobramento das ações desta geração de escritores. A criação da Universidade do Paraná em 1912, tomando a dianteira e se tornando a primeira do Brasil. Embora o movimento tenha unido intelectuais de várias origens, há um motor simbolista nesta fundação, que ocorre no mesmo ano da criação do Centro de Letras do Paraná. Já em 1892, Rocha Pombo havia iniciado o movimento para a criação de uma Universidade em Curitiba. E este projeto foi longamente cultivado dentro desta geração. A formação universitária dotaria o jovem Estado de uma classe intelectual totalmente autóctone, formada aqui para refundar o Brasil. Desdobramento da ocupação simbolista de Curitiba, a proposta da Universidade surge de uma comissão composta pelos professores Fernando Moreira, Vitor Ferreira do Amaral e Silva e Pamphilo de Assumpção, este último criador do Centro Paranaense de Letras e seu primeiro presidente. A intelectualidade simbolista alimenta este projeto que seria interrompido logo em seguida, em 1915, pelo Decreto Maximiliano, que não autorizava o funcionamento de universidades por falta de parâmetros para esta nova instituição proposta a partir de Curitiba. Assim, ela acaba desmembrada em três faculdades isoladas: Direito, Engenharia e Medicina. Se este projeto teve que esperar 1946, com a restauração da Universidade do Paraná, as faculdades continuaram cumprindo a sua função de formar uma elite intelectual em Curitiba, uma aristocracia profissional, em paralelo à aristocracia artística.

Emiliano, professor no Ginásio Paranaense e Escola Normal desde 1901, tornou-se fundador da Universidade do Paraná, ocupando a cadeira de Direito Criminal, Sistemas Penitenciários e Direito Penal Militar. Em 1913, o seu irmão, João David Perneta, professor do curso de Engenharia, foi indicado para o Conselho da Universidade. “No ano seguinte, 1914, o sorteio [para compor o conselho] alcançou o nome do professor Catedrático, bacharel Emiliano David Perneta, que assim passou a deliberar, com sua influência e voto, na cúpula administrativa da novel instituição cultural, que era o então denominado Conselho Superior” (Santos: 82). Como sua disciplina se destinava ao quarto ano, assumira a cadeira de Português até se desligar da

instituição por discordância didática com o Secretário Geral, Nilo Cairo. Se não persistiu na carreira, ficou o seu apoio inicial, em uma demonstração de como os simbolistas fundavam instituições, dando início a uma sociedade e a uma literatura.

É possível pensar que a dianteira da Universidade do Paraná (futura Universidade Federal do Paraná) é consequência deste idealismo intelectual, que buscava constituir espaços de exceção, traduzido de forma cifrada nos poemas de *Ilusão*, que indicaram uma ruptura com o Brasil então hegemônico.

Ainda hoje é visível, em inúmeros aspectos, a ideia do Paraná como um espaço à parte, em uma tentativa de descontinuidade em relação ao resto do território brasileiro. Somos em grande medida o projeto falho de uma microliteratura nacional, o que explica o fato de muitos de nossos principais nomes não terem deixado a terra ou, quando o fizeram, terem voltado a ela, para viverem uma sina de exílio, presos ao chão natal e esperando embarcar, para fugir de uma realidade culturalmente insuficiente.

TRABALHOS CITADOS

Baudelaire, Charles. *As flores do mal*. Tradução Jamil Almansur Haddad. 2. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1985.

Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná. Curitiba: Editora Livraria do Chain, 1991.

Kafka, Franz. *Diários 1909-1923*. Tradução Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021.

Moisés, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006. v.2.

Muricy, Andrade. *O símbolo: À sombra das araucárias (memórias)*. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1976.

Muricy, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952. V.1.

Pilloto, Erasmo. *Emiliano*. Curitiba: Gerpa, 1945.

Rio, João do. *O momento literário*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

Santos, José Nicolau dos. *Emiliano Pernetá*. Curitiba: Editora da UFPR, 1982.

Miguel Sanches Neto é formado em Letras, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutor em Letras pela Unicamp (1994-1998), com estágio de pós-doutoramento na Universidade do Minho, Portugal. É Professor-associado de Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Foi Diretor-Presidente da Imprensa Oficial do Estado do Paraná (1999-2002), Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação (2002-2003) e Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Culturais da UEPG (2006-2010). Estreou com *Inscrições a Giz* (1991), vencedor do Prêmio Nacional Luís Delfino de Poesia de 1989, é autor de mais de 40 livros em diversos gêneros, de diários a aforismos. Publicou os romances *Chove Sobre Minha Infância*, *Um Amor Anarquista*, *A Primeira Mulher*, *A Máquina de Madeira*, *A Segunda Pátria* e *A Bíblia do Che*. Colunista da *Gazeta do Povo* (PR) de 1994 a 2012, tem artigos publicados na *Carta Capital* (SP), *Veja* (SP), *Bravo!* (SP), *Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Valor Econômico*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e inúmeros outros jornais e revistas. Recebeu os prêmios Cruz e Sousa (2002) e Binacional das Artes e da Cultura Brasil-Argentina (2005). Foi finalista mais de uma vez nos prêmios Portugal Telecom e São Paulo de Literatura. Atual reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Artigo recebido em 06/08/2021.

Aprovado em 09/08/2021.